

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v22i39.1197>

***SOBRE OS ESTUDOS BIOGRÁFICOS NO ÂMBITO DA HISTÓRIA:*** uma conversa com  
Wilton Carlos Lima da Silva<sup>1</sup>

***ABOUT BIOGRAPHICAL STUDIES WITHIN THE SCOPE OF HISTORY:*** a  
conversation with Wilton Carlos Lima da Silva

***ESTUDIOS BIOGRÁFICOS EN EL CAMPO DE LA HISTORIA:*** una charla con Wilton  
Carlos da Silva

Entrevista realizada por:

DANIEL LOPES SARAIVA

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8409-2314>

Mestre em História pela Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ) e Doutor em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Atualmente realiza estágio de Pós-Doutorado em História junto à Universidade de São Paulo (USP) com bolsa CNPq- Chamada CNPq Nº 32/2023 - Pós-Doutorado Júnior - PDJ 2023. São Paulo, SP, Brasil.  
[danielsaraiva\\_15@hotmail.com](mailto:danielsaraiva_15@hotmail.com)

ANA CAROLINA MACHADO

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2125-3387>

Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGH UDESC), com bolsa CAPES. Florianópolis, SC, Brasil.  
[anacarolinamachado.historia@gmail.com](mailto:anacarolinamachado.historia@gmail.com)

Os estudos biográficos vêm sendo redimensionados nas últimas décadas dentro da historiografia; e, no Brasil, esse caminho não é diferente. Livros, teses e dissertações escritas por historiadores, cuja temática central é a biografia, têm crescido amplamente. Entendemos se tratar de uma área em ebulição, com uma reverberação para além dos muros acadêmicos. Assim, pensamos, como ponto importante para



<sup>1</sup> Entrevista submetida à avaliação em julho de 2024 e a

entender essa temática, entrevistar uma figura central nos estudos biográficos no Brasil. O nome escolhido foi o de Wilton Carlos Lima da Silva, professor associado do Departamento de História da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), um dos nomes de maior relevância sobre o tema. Com mestrado em Sociologia, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp, 1993), e doutorado em História, pela Unesp (2000), o historiador dispõe de experiência de pesquisa de longa data quando o assunto é memória, trajetórias de vida e construções autobiográficas, ao problematizar e refletir sobre as questões que permeiam o que Leonor Avelar (2010) denominou como “espaço biográfico”. Na condição de pesquisadores dessa temática, a nossa admiração por seu trabalho e produção fomentou um interesse mútuo em um diálogo mais próximo, o qual nos permitisse conhecer um pouco mais de perto de que forma este pesquisador enxerga as relações entre biografia e história, bem como as suas especificidades, desafios e possibilidades.

Em janeiro de 2024, enviamos um roteiro com as perguntas para o professor Wilton, questões respondidas com rigor e densidade, possibilitando-nos não apenas conhecer a trajetória pela qual o entrevistado percorre, mas, também, conferir uma ampla dimensão da temática. A entrevista por escrito possibilitou que o entrevistado abordasse a fundo as questões colocadas, oferecendo, aos historiadores interessados, um amplo panorama acerca da área. Desse modo, é com alegria que apresentamos aos leitores da *Revista Outros Tempos* esta entrevista, a qual, gentil e prontamente, concedeu-nos, certos de que todos aqueles que transitam pelo campo dos estudos biográficos, ou ainda os que desejam enveredar-se por seus caminhos, serão enormemente beneficiados com seu conteúdo. As páginas que seguem brindam o leitor com o olhar de um historiador experiente que soube responder às nossas inquietações, além de oferecer diversas referências e possibilidades pelas quais podemos guiar-nos como estudiosos desse horizonte. Sem mais delongas, desejamos a todos e todas uma excelente leitura!

**Daniel Saraiva e Ana Carolina Machado** – Professor Wilton, queremos, primeiramente, agradecer-lo por ter aceitado conceder-nos esta entrevista. Para começar, gostaríamos que falasse como os estudos biográficos passaram a ser alvo de interesse em suas pesquisas e trajetória acadêmica/profissional.

**Wilton Carlos Lima da Silva** – Ana Carolina e Daniel, obrigado pelo convite para a entrevista. Espero não falar muitas bobagens e nem matá-los de tédio ou de ódio. Vamos lá! Tenho dois problemas orgânicos, a mente inquieta e o coração multifiel. Em termos

acadêmicos, isso se refletiu em muitas mudanças ao longo do percurso – ICs, Mestrado, Doutorado e pesquisas na Unesp – migrando entre um assunto e outro, ou uma área e outra, passando por movimentos sociais, questão ecológica, literatura de viagem, linguagem jurídica, Código Civil, Clóvis Beviláqua e suas biografias, a narrativa biográfica, a questão da autobiografia, os memoriais acadêmicos, o memorialismo de Sérgio Cabral e a música popular e, atualmente, o interesse pela trajetória de um dos grandes divulgadores da psicanálise no Brasil. Essas paixões se sucedem e, mais do que desaparecerem, mas retroalimentam as que as sucedem. Tenho formação em Ciências Sociais, com mestrado em Ciência Política, na Unicamp, a respeito da influência do Movimento Ecológico na Assembléia Nacional Constituinte (1986-1988) e um doutorado em História, na UNESP, sobre a maneira como três viajantes (Jean de Lery, André João Antonil e Richard Francis Burton) descreveram a natureza brasileira a partir dos referenciais do Michel Foucault de *As palavras e as coisas*. Fui contratado no Departamento de História da Unesp, no campus de Assis, para dar aulas de Antropologia e Sociologia – embora atualmente seja professor de Métodos da Pesquisa Histórica e Fontes para a Pesquisa Histórica. Acredito que, por minha proximidade com as ciências sociais, tinha uma visão mais positiva do indivíduo enquanto objeto do que a maioria dos historiadores, quer pela sociologia, como na influência da Escola de Chicago e a importância atribuída por ela à história oral, quer pela antropologia, cujas pesquisas baseiam-se enormemente na vivência pessoal e na experiência de campo. Entre os assuntos que passei a estudar enquanto professor da Unesp cheguei ao Código Civil Brasileiro e à polêmica gramatical entre Ruy Barbosa e Clóvis Beviláqua, interessando-me pela memória cívica e intelectual dos dois personagens. E, a partir daí, identifiquei os processos hagiográficos e iconoclastas em relação ao autor do Código Civil Brasileiro de 1916 – e que só foi substituído em 2002, o que originou minha tese de livre-docência, publicada em 2016 sob o título de *A construção biográfica de Clóvis Beviláqua: memórias de admiração e de estigma*. De Clóvis Beviláqua e as teorias da biografia passei para o estudo dos memoriais acadêmicos e a escrita autobiográfica, atualmente, o “espaço biográfico”, segundo a proposta de Leonor Arfuch (2010), passou a ser meu campo de interesse.

**Daniel Saraiva e Ana Carolina Machado – A seu ver, qual é o lugar que os estudos biográficos ocupam hoje na historiografia brasileira e qual o diferencial de tais abordagens em relação a outras perspectivas de análise?**

**Wilton Carlos Lima da Silva** – Bem, se pensarmos em termos de história pública, os estudos biográficos sempre tiveram uma ampla aceitação social e cultural, inclusive enquanto ferramenta cívica e mesmo recurso didático-pedagógico em distintos períodos. A história acadêmica, por sua vez, manteve uma postura refratária aos estudos biográficos durante boa parte do século XX, o que entendo que se relaciona a uma crítica epistemológica aos modelos hagiográficos e elitistas herdados dos séculos anteriores, uma postura corporativa para reforçar a distinção dos historiadores acadêmicos em relação a outros agentes de memória, diletantes ou eruditos sem a formação específica; e, ainda, o predomínio de abordagens estruturalistas, das grandes teorias, que descartavam a importância do indivíduo como agente e como objeto, o que se altera a partir da crise explicativa desses modelos e o surgimento de rupturas e inovações na historiografia local a partir das décadas finais do século XX. Nesse processo de legitimação dos estudos biográficos, a partir das últimas décadas do século XX, já houve fases de maior ou menor quantidade de trabalhos, mas, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos, os ganhos mantiveram-se constantes, embora ainda tenhamos uma produção tímida, se comparada com a amplitude e a diversidade de outras tradições historiográficas. Acredito em ampliação, diversificação e melhoria inevitável dos estudos biográficos a partir de novas demandas e abordagens, que devem dirigir-se para questões de memória social, cidadania e o próprio fazer historiográfico. Em termos nacionais, a legitimidade acadêmica da abordagem biográfica fica clara quando o número 33 da *Revista Brasileira de História* (1997), editada pela ANPUH – Associação Nacional de História tem a escrita biográfica como tema e um editorial, o qual apresenta algumas questões sobre a sua prática. Logicamente, tal editorial colocava as questões nos termos de sua época, e o número trazia um foco claramente vinculado à história política e à história social, com artigos de professores que não haviam produzido nenhuma biografia, mas entendiam essa abordagem como ferramenta para as suas áreas. Um novo número com a mesma temática traria mudanças significativas e não seria difícil a colaboração de diversos historiadores com experiência significativa no campo dos estudos biográficos. Essa alteração reflete ampliação, diversificação e melhoria dos estudos biográficos, a partir de novas demandas e abordagens, que devem expandir-se de acordo com o que novos estudos se voltam para as questões de memória social, cidadania e o próprio fazer historiográfico.

**Daniel Saraiva e Ana Carolina Machado** – O senhor é um dos coordenadores do **Memento, Grupo de Pesquisa sobre Espaço Biográfico e História da Historiografia,**

**vinculado à Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Poderia falar um pouco sobre o trabalho desenvolvido nesse espaço?**

**Wilton Carlos Lima da Silva** – A universidade brasileira busca pautar-se por modelos similares àqueles entendidos pelos gestores de políticas públicas como os melhores, enquanto ocorrem movimentos internos de conservação e de mudança de suas características e estruturas, em um longo processo político, acadêmico e corporativo. As idas e vindas no país dos processos de cientometria, as técnicas de medição da produção científica, derivadas em certo grau do “Publish or Perish” e que, praticamente, universalizou-se a partir dos modelos norte-americanos, deram-nos instituições de fomento, CNPq e Capes, o Currículo Lattes, o Qualis e o Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, com as suas grandezas e misérias. Em dezembro de 2023, fiz um comentário em um dos meus perfis em rede social de que no ano havia sido um professor-pesquisador pouco produtivo, pois ministrei dois cursos na graduação e um na pós, produzi sete pareceres de artigos para diferentes publicações, frequentei três cursos de formação complementar, participei com apresentação de trabalhos em dois eventos acadêmicos em outros estados, coordenei um simpósio temático em evento nacional, estive em cinco bancas e também em quatro defesas de orientandos meus, fiz duas palestras para a rede pública de ensino fundamental e médio, publiquei uma apresentação de livro e um único artigo – sendo que, em alguns anos anteriores, cheguei a publicar quatro – e somente o último “produto” conta, minimamente, para a minha avaliação institucional. Esse tipo de contexto, quantitativista e delimitado em certo tipo de produção bibliográfica, vai produzir cada vez mais aquilo que Robert Merton chamou de “função latente”, ou seja, o efeito indesejado de gerar o progressivo abandono de atividades, que são fundamentais e necessárias, mas que resultam em nenhum ou, mesmo, reduzido tipo de ganho ou prestígio. Eventualmente, releio um pequeno livro de que gosto muito – *A sinecura acadêmica: a ética universitária em questão* (1988), do Edmundo Campos Coelho –, o qual realiza uma crítica brutal da universidade brasileira, com acertos e exageros, mas que é uma leitura interessante para sermos mais exigentes conosco mesmos e nos perguntarmos o quanto mudamos e se essas mudanças foram para melhor ou pior, bem como se as permanências se justificam. A coordenação ou a participação em grupos de pesquisa, ou “laboratórios”, passaram a ser um critério importante de legitimação grupal e institucional, assim como de acesso a recursos de fomento, de modo que esses espaços multiplicaram-se exponencialmente, mesmo com alcance limitado, produção pouco visível e, eventualmente, reduzida distinção entre pesquisa e extensão em suas atividades cotidianas. Todos querem ter ou estar em um grupo de pesquisa

para chamar de seu. O Memento, como muitos outros grupos de pesquisa, tem uma estrutura reduzida, com recursos bastante limitados e se torna o resultado do esforço de seus dois coordenadores, eu e a Profa. Karina Anhezini, e dos pesquisadores e dos estudantes da graduação, da iniciação científica, do mestrado e do doutorado que dele participam, com altos e baixos conforme as condições e as disponibilidades de todos. O período de pandemia foi muito disruptivo para o grupo, principalmente em termos das interações que sofreram um distanciamento e dos espaços sociais que se esvaziaram, e a retomada de dinâmicas similares às anteriores tem sido muito difícil. Mas, em termos gerais, a produção e o alcance têm mantido-se dentro do desejado. Em termos concretos, o grupo de pesquisa existe desde 2004 e, nos últimos vinte anos, agregou pesquisadores de distintas instituições do país e do exterior, realizou eventos locais, estaduais, nacionais e internacionais de forma regular: em anos alternados organiza um simpósio temático no encontro estadual e no encontro nacional da ANPUH; já organizou cinco simpósios temáticos no Congresso Internacional de Americanistas, que ocorre a cada três anos em diferentes países; organizou ainda cinco dossiês em revistas de estratos superiores sobre a temática da memória, trajetória e biografia; os seus membros oferecem minicursos ou simpósios temáticos em eventos acadêmicos de diversas universidades e, ainda, mantemos um perfil no Facebook e no Instagram voltados para o compartilhamento de indicações bibliográficas, eventos acadêmicos e oportunidades de publicação e de pesquisa no país e no exterior, muitos dos quais somente são ali disponibilizados.

**Daniel Saraiva e Ana Carolina Machado** – A *Red de Estudios Biográficos de América Latina* (REBAL), vinculado ao Instituto de História Argentina e Americana Dr Emilio Ravignani, que pertence à Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires, reúne uma série de historiadores/pesquisadores latino-americanos, que se dedicam a estudar as relações entre biografia e história. Pelo que consta no site da rede, apenas dois historiadores brasileiros integram o grupo, sendo o senhor um deles. Poderia comentar a respeito do seu ingresso nessa rede, o trabalho nela desenvolvido e qual a sua importância no âmbito dos estudos biográficos em um contexto internacional?

**Wilton Carlos Lima da Silva** – A REBAL<sup>2</sup> foi criada por iniciativa de Paula Bruno, buscando identificar e interligar grupos de pesquisa da América Latina, que se dedicassem aos

---

<sup>2</sup> Disponível em: <http://ravignani.institutos.filo.uba.ar/rebal>. Acesso: 4 nov. 2024.

estudos biográficos, para trocas e aprendizagens. É uma rede aberta, que permite a entrada de novos grupos e que, por enquanto, congrega pesquisadores da Argentina, Brasil, Chile, México, Uruguai e Espanha, promovendo e divulgando eventos e publicações. Existem muitas iniciativas e espaços de troca e aprendizagem, que, assim como a REBAL, ainda são pouco conhecidos no Brasil, como IABA (*International Auto/Biography Association*)<sup>3</sup>, *Centre for Biographical Research*<sup>4</sup>, da Universidade do Havaí, *Biografie Instituut*, da Universidade de Groningen<sup>5</sup> ou *Center for Life Writing*, da Universidade de Shanghai Jiao Tong<sup>6</sup> ou, ainda, os artigos e as resenhas da *Life Writing*<sup>7</sup>, uma publicação fantástica. Enfim, temos muitas possibilidades de ampliação de interlocução, pois se o idioma é um obstáculo, e falo isso como alguém que tem dificuldades com os idiomas estrangeiros em geral, por outro lado, o interesse em nossas particularidades é bastante significativo.

**Daniel Saraiva e Ana Carolina Machado** – Na apresentação do dossiê *Biografias e trajetórias: vidas por escrito*, publicado, em 2020, pela *Revista Escritas do Tempo*, o senhor e os outros dois organizadores, os professores Geovanni Gomes Cabral (UNIFESSPA) e Benito Bisso Schmidt (UFRGS), destacam a necessidade de se refletir em que âmbitos a investigação biográfica dá sinal de saturação e quais demandam mais investimentos. A seu ver, em se tratando do Brasil, quais seriam esses âmbitos?

**Wilton Carlos Lima da Silva** – A universidade, por sua origem, estrutura e finalidade, tem uma relação complexa com aquilo que é tradição e inovação, bem como com a expansão dos cursos universitários, o crescimento do número de programas de pós-graduação e o contraste entre a heterogeneidade de contextos e as estruturas em comparação com a homogeneidade de objetivos e expectativas, a dimensão reprodutiva tende a ser uma escolha mais fácil e segura para os orientadores e os pesquisadores. Em meu ver, essa saturação não ocorre somente no campo dos estudos biográficos, mas em diversas áreas da produção historiográfica. Alguns dos sintomas disso são a excessiva especialização acadêmica, a criação de cânones rígidos e o resenhismo. A especialização acadêmica é necessária para impedir que, por vaidade ou pressões produtivistas, um orientador se disponha a transformar seu Lattes em uma espécie de

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://sites.google.com/ualberta.ca/iaba/home>. Acesso: 4 nov. 2024.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://manoa.hawaii.edu/cbr/>. Acesso: 4 nov. 2024.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.rug.nl/research/biografie-instituut/>. Acesso: 4 nov. 2024.

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www.sclw.sjtu.edu.cn/>. Acesso: 4 nov. 2024.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.tandfonline.com/journals/rlwr20>. Acesso: 4 nov. 2024.

banca de feira na qual se encontra de sutiã a chuchu, todo tipo de coisa, mesmo que em qualidade duvidosa. Por outro lado, os excessos de especialização fazem, muitas vezes, com que orientador e orientando se movam em um espaço muito reduzido de fontes, temas, abordagens e metodologias, os quais resultam em mais do mesmo. Por sua vez, se o cânone é necessário para a afirmação de uma fundamental herança compartilhada; por outro, atualmente, com a crescente globalização e fluidez do ambiente de pesquisa em termos internacionais, é necessário entender a sua própria historicidade e as limitações e possibilidades de superação ou redimensionamento a partir do cotejamento com outras tradições intelectuais. Não é incomum, entre nós, quem conhece em grande profundidade a historiografia francesa sobre seu tema de pesquisa e não só desconhece como também não se interessa pela inglesa, alemã ou norte-americana correspondente, por exemplo. E com a percepção de que o conhecimento nas ciências humanas é mais opinião, *doxa*, do que verdade, *dogma*, isso se mostra como uma enorme fragilidade. E, por fim, o resenhismo. Essa distorção se manifesta de duas maneiras típicas e que, talvez, decorram das duas questões anteriores: a excessiva reverência e a seguida referenciação de um mesmo conjunto de textos que se sacralizam como citações obrigatórias – sendo que tais citações se repetem com frequência e são feitas mais a partir de fontes secundárias do que primárias e, ainda, são raramente submetidas à análise, crítica, cotejamento ou complementação, convertendo-se quase em material para um check-list em muitos trabalhos. No longínquo dezembro de 1999, José Murilo de Carvalho publicou um pequeno e delicioso artigo, no jornal *O Globo*, intitulado *Como escrever a tese certa e vencer*, criticando um ambiente em que esses problemas já existiam e que ele identificava como questões que envolviam as citações, o tipo de vocabulário e as escolhas do gênero discursivo. Portanto, o que está saturado é fazer uma história que se contenta com a reprodução do que é mais cômodo, óbvio, rotineiro, consolidado, consensual e burocrático em qualquer uma de suas áreas, mostrando-se incapaz de perceber tanto as presenças indevidas como as ausências absurdas e restringindo a compreensão ou a explicação do passado a partir da sua complexidade. No caso do campo biográfico, parece-me bastante estimulante a ideia de Leonor Arfuch (2010) do “espaço biográfico”, conceito que deriva de uma abordagem multidisciplinar, com contribuições da psicanálise, sociologia, semiótica, filosofia, antropologia, estética, entre outros referenciais, e voltada para a discursividade social da memória e de sua dimensão sócio-histórica. A originalidade da autora se dá pela afirmação de referenciais pluridisciplinares na percepção da confluência entre a dimensão mimética, a representação, a centralidade do indivíduo e as demandas da contemporaneidade para reconfigurarem o campo do (auto)biográfico para além

das manifestações canônicas consagradas (como as biografias, autobiografias, confissões, memórias, diários íntimos, correspondências etc.) e que poderiam permitir a expansão de fontes, objetos, metodologias e novas ênfases de pesquisa. Benito Bisso Schmidt, juntamente com Alexandre Avelar, organizou duas coletâneas, as quais considero leituras fundamentais para historiadores interessados pelo campo biográfico, *Grafia da vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica* (2012) e *O que pode a biografia* (2018) – e em uma resenha que fiz sobre o segundo afirmei algo que se aplica aos dois livros: os capítulos dos vários autores oferecem um panorama amplo e rico de questões e abordagens reconhecidas e legitimadas na historiografia brasileira contemporânea de um tema complexo, sendo que a única ressalva cabível consistiria na necessidade de se manter atento para uma maior polifonia, para além das fronteiras da disciplina e da tradição local-nacional, para a ampliação da diversidade de referenciais e de pesquisas. O próprio Benito Schmidt tem desenvolvido e orientado pesquisas sobre as relações entre o campo biográfico e as questões identitárias em uma perspectiva LGBTQIA+, assim como outros pesquisadores incorporaram as questões de raça, gênero e subalternidade, entre outras, em seus trabalhos com abordagens sobre o espaço biográfico.

**Daniel Saraiva e Ana Carolina Machado** – É possível perceber, pelas pesquisas desenvolvidas em Programas de Pós-Graduação em História, pelos artigos publicados nos principais dossiês dedicados aos estudos biográficos e pelas principais coletâneas acerca da temática, que diferentemente das trajetórias políticas de grandes nomes, de militantes e de sujeitos comuns e de intelectuais, as trajetórias artísticas ainda parecem permanecer à margem dos interesses dos historiadores/as. Do seu ponto de vista, que fatores explicariam a incipiência desses estudos na historiografia brasileira? Que projetos, do seu conhecimento, estão buscando preencher essa lacuna no momento?

**Wilton Carlos Lima da Silva** – Não sei se por causa de uma questão etária ou pelo fato de, realmente, vivermos um novo momento em relação ao campo intelectual e às práticas acadêmicas, mas me chama a atenção como dois processos paralelos estão impactando a maneira como se organiza a produção de conhecimento atualmente. Em primeiro lugar, a dimensão fluida, rizomática, como os vínculos se estabelecem e as iniciativas se estruturam, pois, ao contrário de uma tradição “analógica” de décadas anteriores, nas quais o número de publicações era restrito, a própria circulação era lenta, buscava-se produzir uma “obra” e os

vínculos se construía na presença física de pesquisadores e convidados, vivemos, atualmente, uma nova tradição, “hiperdigital”, na qual há um número imenso de publicações, com natureza qualitativa diversa e disponibilizada de forma caótica, com circulação instantânea, para alimentar a ambição mais restrita de se fazer um “produto” e os vínculos se constroem tanto da forma tradicional quanto à distância. Essas mudanças estão impactando como e para quem se faz conhecimento, em meio às exigências tanto intelectuais quanto comunicativas. Em segundo lugar, essas mudanças, que se ampliaram no contexto da emergência sanitária, também trouxeram maior segmentação das trocas e dos eventos acadêmicos. Em uma realidade de recursos limitados e um amplo leque de demandas, o pesquisador escolhe, por exemplo, participar de um evento organizado por seu grupo de pesquisa ou sobre um dos subtemas no qual a sua pesquisa tem aderência ao invés de frequentar eventos maiores e com uma polifonia mais acentuada. Isso faz com que a dimensão polissêmica, que era oferecida por eventos maiores e mais gerais, em que era possível observar, com maior proximidade, a grama do vizinho e, a partir daí, pensar em outras formas de tratar o seu próprio gramado, está se reduzindo radicalmente. Dessa forma, divulgamos, cada vez mais, as nossas pesquisas somente entre aqueles que pesquisam os mesmos temas e objetos, assim como se utilizam das mesmas metodologias e propõem os mesmos recortes que os nossos, o que é mais confortável, ou mesmo mais útil, mas menos rico. No caso do campo cultural, por sua vez, soma-se a essas duas questões outra: a pouca tradição nos cursos de graduação de se ensinar a pesquisa em arquivos, ao mesmo tempo em que se privilegiam os documentos escritos, mais do que outros suportes. Assim, por exemplo, um jovem historiador que pesquisa a música popular e faz pós-graduação em História pode encontrar maiores acolhimento e diálogo entre musicólogos do que com os seus colegas de programa, e o mesmo poderia ser dito sobre quem trabalha com fontes visuais, história oral, história do presente, teoria da história, entre outros exemplos das múltiplas áreas da produção historiográfica e suas interfaces e disciplinas afins. De qualquer modo, as mesmas novas condições que surgem como desafio também oferecem possibilidades, e assim se multiplicam iniciativas acadêmicas e comunicacionais, que tentam romper com os limites que impedem ou dificultam maior diálogo e fluxo mais constante de trocas e vivências entre campos diversificados da historiografia e das ciências humanas, principalmente entre os jovens pesquisadores, que, inevitavelmente, serão os que delimitarão a historiografia das próximas décadas.

**Daniel Saraiva e Ana Carolina Machado** – Se os estudos biográficos há algum tempo se debruçaram em estudar trajetórias mais longínquas no tempo, atualmente os pesquisadores têm se interessado por trajetórias em andamento, de pessoas vivas. A seu ver, quais as potencialidades, desafios, e implicações de estudos biográficos do e no tempo presente?

**Wilton Carlos Lima da Silva** - Não é incomum diferentes biógrafos afirmarem o interesse de pesquisa somente por pessoas mortas, pois entendem que a sincronicidade entre a vida e a produção da biografia poderia corromper os resultados, pela pessoalidade, pelas “biografias de botequim”, que nascem de depoimentos aleatórios e, eventualmente, manipuladores, das pressões diversas e da maior dificuldade em compreender, de forma mais clara, o contexto e a própria matéria-prima, a vida alheia, ainda em transformação. Isso não significa que não seja possível narrar a vida de alguém que esteja vivo, mas apenas que há entre os biógrafos uma preferência em sentido contrário. Ruy Castro, em entrevista durante a polêmica envolvendo o embate entre artistas que defendiam o controle sobre as biografias e os biógrafos que buscavam reafirmar a liberdade de expressão, afirmava que os inúmeros trabalhos biográficos sobre os ídolos da música popular brasileira ainda vivos, como Caetano Veloso, Chico Buarque ou Gilberto Gil, eram todos “livros de fã”, apologéticos, elogiosos e amorosos, muito mais uma demonstração de admiração e afeto do que uma biografia, pois são totalmente desprovidos de distanciamento, problematização e crítica. No entanto, o espaço biográfico não é composto somente por essa forma de abordagem, e a história de vida, o testemunho, as memórias e as autobiografias oferecem oportunidades de, a partir da dimensão individual, aprofundarem-se questões sobre trajetórias, contextos, grupos etc. Essas abordagens são importantes, ainda, pela possibilidade de serem utilizadas como instrumentos de autoconhecimento e reconhecimento do outro, colocando as questões ética e relacional como central no espaço biográfico.

**Daniel Saraiva e Ana Carolina Machado** – O mercado editorial brasileiro é, anualmente, abastecido por diversas biografias de pessoas públicas. Contudo, essas obras são, em sua maioria, escritas por jornalistas, enquanto os trabalhos biográficos produzidos por historiadores geralmente não chegam ao grande público. Como o senhor vê a relação entre historiadores que escrevem biografias/trajetórias e o mercado editorial brasileiro?

**Wilton Carlos Lima da Silva** – Eu prefiro estudar autobiografias, biografias e biógrafos do

que escrever biografias, e embora admire muito trabalhos como os de Eduardo Silva (*Dom Obá II D'África, o príncipe do povo. Vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor*, 1997), Elciene Azevedo (*O Orfeu de carapinha: a trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo*, 1999), de Jorge Ferreira (*João Goulart: uma biografia*, 2011), Francisco Carlos Palomanes Martinho (*Marcello Caetano: uma biografia, 1906-1980*, 2016) ou James N. Green (*Revolucionário e Gay: a vida extraordinária de Herbert Daniel*, 2018), entre outras boas biografias escritas por historiadores, jamais me arriscaria no projeto de narrar uma existência. Prefiro tentar realizar trabalhos semelhantes aos de Magda Ricci (*Assombrações de um padre regente: Diogo Antônio Feijó - 1784-1843*, 2001), Francisca Lucia Nogueira de Azevedo (*Carlota Joaquina na Corte do Brasil*, 2003), Adriana Barreto de Souza (*Duque de Caxias: o homem por trás do monumento*, 2008), como busquei fazer com Clóvis Beviláqua. Mas a minha escolha pessoal não significa que abordagens biográficas não sejam interessantes, quer de trajetórias mais próximas ou distantes no tempo. Significa apenas que não me sinto confiante em dominar técnicas e conhecimentos necessários para uma empreitada dessa natureza, embora as entenda como, particularmente, ricas e refinadas. Sou um ouvinte assíduo de alguns podcasts, como *Rádio Escafandro*, *Radio Novelo Apresenta* e *Boa Noite Internet*, entre outros, e, de uma forma muito recorrente, encontro episódios que me levam a perguntar a mim mesmo porque é tão difícil para os bons historiadores fazerem produtos de comunicação, e que tratam muitas vezes do presente, com o mesmo nível de excelência que demonstram os bons jornalistas. Talvez a resposta seja, se possível, trabalhar em dois tipos de registro, o acadêmico, destinado aos iniciados, aos iguais, que estão na universidade e atendendo a expectativas corporativas, e o comunicacional, para os leigos, que estaria voltado para um público mais amplo e buscando unir densidade e inventividade. De certo modo, esses dois registros poderiam trabalhar com limites distintos (ou flexíveis) entre a “verdade dos fatos” e a “verdade da interpretação”, pois as pesquisas no campo biográfico mostram, de forma clara, como a totalização almejada pelo biógrafo esbarra em lacunas documentais, exigindo a utilização da imaginação ficcional e de referenciais da sociologia, antropologia, psicologia etc. Para isso, devemos superar o receio da perda da especificidade e, dessa forma, questionar algumas heranças malditas do nosso corporativismo, como o bacharelismo e a sua crença de que o jargão é um patrimônio e que o bom intelectual não necessita ter um compromisso ético-político com a comunicabilidade, pois não é raro deslegitimarmos, intelectualmente, os nossos pares com maior habilidade de comunicação e maior exposição midiática, estigmatizando-os como simplórios e vulgarizadores. Ao mesmo tempo, fazer diferente só tem sentido se significar fazer melhor, e, para isso, não basta

oferecer, de forma limitada, amadora e voluntarista, novas formas de produção e de divulgação historiográfica, pois é necessário ainda a busca de uma excelência, capaz de, usando-se uma expressão feliz de Beatriz Sarlo, manter-se coerente com as regras do método não como busca obstinada, mas como referência importante para uma história de qualidade. Talvez caiba aos historiadores sensibilizarem-se para que a nossa sociedade não está somente ameaçada pelo ocultamento da verdade, como no romance *1984* (1949), de George Orwell, mas também pela inundação hedonista da irrelevância, como no *Admirável Mundo Novo* (1982), de Aldous Huxley, sendo necessárias estratégias de resistência e intervenção distintas em tais contextos. No Brasil, foi traduzido, no final da década de 1980, o livro de ensaios *A prática da História* (1985), da historiadora norte-americana, especializada em divulgação histórica, Barbara Tuchman, ganhadora duas vezes do Prêmio Pulitzer *Os Canhões de Agosto* (1962) e *Stilwell and the American Experience in China* (1971), uma biografia do General Joseph Stilwell. A pesquisadora autodidata, que foi professora de notáveis universidades de seu país e recebeu títulos honorários de historiadora de Yale, Harvard, Columbia, Smith College, entre outros, dizia que as exigências do discurso acadêmico eram muito limitantes da linguagem literária, buscando, assim, caminhos para superar tal impasse e, entre outros autores que enfrentaram o mesmo desafio, deveria ser mais lida em nossas disciplinas. Por exemplo, as disputas sobre as possíveis confluências entre história e literatura, já clássicas, serão ampliadas frente às novas possibilidades comunicativas e discussões semelhantes às que despertaram *O retorno de Martin Guerre* (1987), de Natalie Zemon Davis, sobre um processo de 1560, e que hoje se fazem presentes em relação a trabalhos como *Histoire des grands-parents que je n'ai pas eus* (2012) e *Laëtitia, ou la fin des hommes* (2016), de Ivan Jablonka, sobre uma história familiar do século XX e um crime hediondo do século XXI, para citar dois bons historiadores e seus livros densos e originais. O mercado editorial brasileiro tem interesse por produtos sobre a história e o sucesso de vários jornalistas nessa seara, a qual, muitas vezes, utiliza-se de material historiográfico, é uma prova disso. A questão é se os historiadores têm interesse e capacidade para atender às demandas comunicativas de tal mercado, orientando a sua produção para a circulação e o consumo voltados para o grande público a partir de seus temas e de seus textos – e, com certeza, tal possibilidade é inexistente se nos mantivermos restritos às dissertações e teses ou aos artigos acadêmicos. Isso não quer dizer que todos devem se dedicar a tal tarefa, mas apenas que ela deve ser identificada como necessária e legítima para aqueles que por ela se interessarem.

**Daniel Saraiva e Ana Carolina Machado** – Com a expansão da pós-graduação no Brasil, os estudos biográficos têm sido redimensionados e revalorizados por uma parcela dos historiadores e, junto com isso, tem havido uma maior variedade de personagens estudados. Figuras anteriormente consideradas à margem da sociedade têm recebido atenção da historiografia, o que tem enriquecido a pesquisa em nossa área. Como o senhor vê essa expansão de personagens que ganham espaço nas pesquisas e quais as potencialidades para esses estudos de novos personagens. Se possível, cite personagens que considera que gerariam pesquisas importantes e que ainda não ganharam atenção.

**Wilton Carlos Lima da Silva** – Talvez seja muito difícil encontrar, entre historiadores contemporâneos, mesmo entre os que fazem reservas às biografias, algum que não valorize as contribuições da micro-história, de autores como Arsenio Frugoni, Carlo Ginzburg ou Giovanni Levi, entre outros, que tanto descartaram abordagens biográficas tradicionais, a partir de tipos ideais ou de processos de modelação, quanto valorizaram os estudos de caso, os microcosmos, as situações-limite. É uma herança teórico-metodológica fundamental e que permite identificar estratégias individuais, processos de interação e complexas interrelações entre indivíduos e grupos. Quando se inova, ao escolher personagens marginalizados, deveria também se ter o cuidado em evitar um enfoque tradicional, linear, unidimensional e factual sobre o biografado. Pode ser necessário e urgente, em termos ideológicos e políticos, dar visibilidade aos indivíduos e grupos minoritários, periféricos e estigmatizados, mas, em termos epistemológicos, será mais rica a experiência enquanto não reproduz de forma automática os mesmos procedimentos e objetivos do biografismo hagiográfico e cívico, dando conta da liberdade de escolha e das múltiplas racionalidades e interesses dos personagens, sempre inseridos em contextos com inúmeras possibilidades, contradições e incoerências. François Dosse escreveu a biografia *Paul Ricouer: os sentidos de uma vida* (2017), e a sua experiência é duas vezes significativa, por ter trabalhos teóricos sobre a abordagem e por experimentar a escrita biográfica. O personagem, logicamente, não é periférico, mas um intelectual de prestígio e reconhecimento internacional, mas o desafio, segundo o biógrafo em uma de suas entrevistas, foi manter a narrativa que desse conta de um sujeito dotado de identidades plurais, transitando em distintos contextos, o que em uma perspectiva mais fragmentária, multidimensional, rizomática, tornava mais acessível o descarte das ilusões das dimensões heróicas e notáveis, assim como identificar formas de apropriação, recepção e usos da memória particular e social ao longo do tempo, com diferentes significados e

agenciamentos. Esse tipo de abordagem torna mais densa a narrativa e legítimo o “contrato de leitura”, de modo tal que os leitores têm maior facilidade para identificar as razões do biógrafo na escolha do personagem, na natureza do empreendimento, assim como nas metodologias de trabalho e fontes, nos conceitos e nas perguntas que busca responder. Quanto aos personagens relevantes, citaria duas frases atribuídas a autores bem diferentes, mas com certa confluência sobre o assunto, de Tolstói, “Se queres ser universal, cante sua aldeia”, e de Nelson Rodrigues, “Qualquer indivíduo é mais importante do que toda a Via Láctea”. Existem inúmeros personagens que merecem, e muitos deles oferecem condições para o desenvolvimento de estudos no campo biográfico, que podem desdobrar-se em vários recortes, mas o grande desafio é ter a sensibilidade de perceber isso, bem como a imaginação e curiosidade para viabilizar tal intento. Vou dar dois exemplos, nos campos da antropologia e do jornalismo, em que identifico a presença da sensibilidade, imaginação e curiosidade, em dois jovens pesquisadores, uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso e de Dissertação de Mestrado, que envolvem arquivos e memórias de pessoas “comuns”, demonstrando possibilidades dentro do “espaço biográfico”, que poderiam ser inspiradoras para historiadores. Ao final de seu curso de graduação em jornalismo em 2001 e 2002, na PUC-MG, Christiano Borges, Fabrício Santos, Laura Godoy e Valéria Mendes escreveram quatro textos como TCC que foram publicados como capítulos do *Não reclamados: vidas esquecidas no IML* (2003). O livro-reportagem apresenta ao leitor o universo e o dia a dia do IML de Belo Horizonte e relata a história de vida de quatro pessoas que morreram de forma violenta e cujos corpos não foram procurados, o que permite reflexões sobre temas contemporâneos, como violência urbana, exclusão social, relações familiares, periferia, desemprego e vícios, entre outros temas. Por sua vez, a dissertação de mestrado em Antropologia, no Museu Nacional, de Letícia Carvalho de Mesquita Ferreira, publicada com o título *Dos autos da cova rasa: a identificação de corpos não-identificados no Instituto Médico-Legal do Rio De Janeiro, 1942-1960* (2009), que, a partir de fichas e registros burocráticos “esquecidos” em arquivos, acerca de pessoas “desimportantes”, que tiveram seus corpos categorizados como “não identificados”, demonstra de que forma o processo de “não identificação” é uma operação de construção e atribuição de identidade. Em termos especulativos, imagino que a autora não leu o penúltimo capítulo do livro *A Nova História Cultural* (1992), de Lynn Hunt, escrito por Thomas W. Laqueur e intitulado “Corpos, detalhes e a narrativa humanitária”, duas décadas antes de sua dissertação, o qual discute de que modo o realismo moldou relatórios de autópsia, enquanto alguns historiadores leram, mas não viram ali uma possibilidade de inspiração. Mas, por outro lado, é motivo de otimismo iniciativas como, entre

diversas que mereceriam lembrança, os sete volumes de *Personagens do pós-Abolição: trajetórias, e sentidos de liberdade no Brasil republicano* (2020), editados pela Universidade Federal Fluminense, com biografias sobre pessoas negras e sua participação na História do Brasiloferecendo, ainda, um site que disponibiliza diversos materiais – oficinas, vídeos, planos de aula, banco de imagem ( <http://personagensdoposabolicao.uff.br>), nessa união necessária entre produção de conhecimento, divulgação e ensino. E também editado pela mesma universidade, organizado por Jorge Ferreira e Karla Carloni, *A República no Brasil: trajetórias de vida entre a democracia e a ditadura* (2019), um livro de mais 600 páginas e que, ainda, oferece um caderno didático (<https://app.uff.br/riuff/handle/1/15122>) apresentando as histórias de vida de dezessete personagens, em biografias de brasileiros, homens e mulheres, brancos e negros, das mais variadas profissões e atividades políticas ao longo do período republicano. Acredito que projetos semelhantes, na dependência de políticas públicas de fomento que os viabilizem, deverão multiplicar-se, e isso é extremamente positivo.

**Daniel Saraiva e Ana Carolina Machado** – Pensando na produção dentro de programas de pós-graduação e na transposição dessas pesquisas para além dos muros das universidades, como o senhor pensa as estratégias para que esses trabalhos consigam atingir um público maior, uma vez que o trabalho com biografias e trajetórias tem um apelo público e, em alguns casos, popular?

**Wilton Carlos Lima da Silva** – A relação comunicacional entre universidade e sociedade se torna mais dramática quanto mais midiática e informacional é a sociedade e, de forma contrastante, mais bacharelesca e pouco original, mantém-se a produção acadêmica. Se não é desejável a simples conversão do padrão Qualis em likes, compartilhamentos e seguidores, também não é justificável que o acadêmico mantenha-se no castelo do inacessível, com a proteção do fosso do jargão e da muralha do dicionário. Esse desafio não é só do historiador, mas de todas as disciplinas e áreas do conhecimento. Quanto à dificuldade em produzir uma história com maior apelo popular e melhor divulgação pública, creio que seria necessário um investimento na formação não só de pesquisadores refinados no campo historiográfico, mas também de bons contadores de história, pois acredito que faz todo sentido uma afirmação de Paul Veyne sobre o seu ofício, em *Como se escreve a história* (1971), quando dizia que havia certo desinteresse pela História Antiga – e isso por História Antiga realmente ser vista como desinteressante, o que ele não acreditava ser verdade, pois estudava e ensinava tal período há décadas. Nesse sentido, os historiadores não estavam sendo capazes de tornar História Antiga

algo interessante. O desafio, portanto, é despertar no outro, e entendendo que ele está em um lugar diferente do meu, o encantamento que aquilo que estudo, e ao qual dedico anos e anos de minha vida, despertou em mim para justificar tal escolha. A percepção dessa alteridade deve ser baseada na humildade de que não quero converter o outro naquilo que sou, ou seja, o objetivo não é torná-lo um historiador, por exemplo, mas dar a ele a sensibilidade histórica possível de ser compartilhada, pois o processo de sensibilização poderá converter-se em estímulo para um maior e melhor contato com a área e seus temas. Eventualmente, encontro uma ou outra pessoa que demonstra trazer um amplo leque de informações incompletas e equivocadas sobre o passado, consumidas a partir de uma curiosidade diletante e mal dirigida, na qual citam textos, documentários, material midiático e diversas fontes tratadas sem o devido cuidado ou refinamento (muitas vezes por indivíduos e grupos em busca do sensacionalismo, da manipulação, do ganho fácil por meio da monetização de likes, compartilhamentos e consumo de cursos, etc), e me surpreende a energia investida pela pessoa nisso, entristecendo-me que talvez estivessem mais acessíveis para ela os frutos envenenados pelos interesses mesquinhos do que os bons frutos que a universidade poderia oferecer. E essa falta de acessibilidade tem diversos fatores, mas um deles é a mescla entre a nossa indiferença e a nossa inabilidade em nos comunicarmos mais e melhor com a sociedade.

**Daniel Saraiva e Ana Carolina Machado** - Em 2006, com a publicação do livro *Roberto Carlos em detalhes*, o historiador e jornalista Paulo César Araújo enfrentou um processo judicial e teve a sua obra retirada das prateleiras. Na esteira desse acontecimento, em 2015, o STF “determinou que biografias, mesmo sem autorização do biografado e de seus herdeiros, não podem ser proibidas. O tribunal reconheceu que exigir a chancela do retratado representa censura.<sup>8</sup>”. Como o senhor observa essa mudança e de que forma ela influencia o trabalho dos historiadores que pesquisam trajetórias de vida?

**Wilton Carlos Lima da Silva** – A decisão do STF é extremamente importante, pois casos semelhantes, com judicialização de biografias e tentativa de censura, também ocorreram com Ruy Castro (*Estrela Solitária: um brasileiro chamado Garrincha*, 1995), Toninho Vaz (*Paulo Leminski: o bandido que sabia latim*, 2001), Fernando Morais (*O Mago*, 2008, sobre

---

<sup>8</sup> Disponível em [https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2021/11/28/interna\\_cultura,1326256/paulo-cesar-araujo-lanca-nova-versao-da-biografia-que-o-rei-tentou-censurar.shtml#:~:text=Em%202015%2C%20o%20Supremo%20Tribunal.a%20trajet%C3%B3ria%20do%20%E2%80%9CRei%E2%80%9D](https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2021/11/28/interna_cultura,1326256/paulo-cesar-araujo-lanca-nova-versao-da-biografia-que-o-rei-tentou-censurar.shtml#:~:text=Em%202015%2C%20o%20Supremo%20Tribunal.a%20trajet%C3%B3ria%20do%20%E2%80%9CRei%E2%80%9D) Acesso em: 8 jan. 2024.

Paulo Coelho), Pedro de Morais (*Lampião, O Mata Sete*, 2011), entre outros. No entanto, se a censura não se justifica, e o reconhecimento da liberdade de expressão para o biógrafo é reconhecida e reafirmada, devendo qualquer conteúdo que possa deplorar, falsificar ou deturpar uma trajetória ser caracterizado como calúnia, injúria ou difamação e discutido na forma devida no campo jurídico, por outro lado, nenhuma editora deseja correr o risco de uma pendência judicial, se colocar como obstáculo para a circulação de seus produtos ou como origem de possíveis prejuízos indenizatórios. Assim, a liberdade garantida se afirma com uma modelagem das metodologias e dos recortes de investigação e escrita, em que o íntimo, ou o polêmico, pode ser, estrategicamente, evitado, gerando reformulações na maneira como concebe a produção biográfica. Essas implicações talvez se façam sentir mais nas abordagens de jornalistas do que de historiadores, pois penalizam mais os relatos sobre os segredos e as intimidades, os quais, normalmente, apresentam-se com menor base documental, ocupando uma posição mais central nos livros escritos pelos primeiros. Esse mesmo obstáculo, que poderia ameaçar a inventividade da narrativa e amarrá-la de forma mais forte às fontes tradicionais (como entrevistas, jornais, revistas, capas de discos, retratos, fotografias, cartas e outros documentos) e à obra dos biografados, podendo favorecer a busca de outras ferramentas para conferir densidade aos “ditos e não-ditos” da trajetória dos personagens, como a psicologia, a sociologia, a antropologia etc.

**Daniel Saraiva e Ana Carolina Machado** – Observamos na História das Artes que, apesar de ter havido uma expansão de artistas pesquisados nos últimos anos, ainda é possível observar um foco grande em uma parcela de poucos artistas, enquanto a grande maioria é relegada ao esquecimento. Para exemplificar, na área da História da Música, Chico Buarque, Maria Bethânia, Caetano Veloso são artistas que têm diversos estudos, ao passo que parte significativa de artistas tem trajetórias invisibilizadas e, conseqüentemente, vai caindo no ostracismo. Como o senhor observa essa escolha dos grandes nomes e quais as estratégias para que possamos fazer com que pesquisas que se dediquem a nomes não tão populares possam surgir?

**Wilton Carlos Lima da Silva** – Esse estreitamento de horizontes em termos de temas e personagens do campo cultural deriva, em grande parte, do presentismo dos jovens pesquisadores, de seus conhecimentos limitados sobre a produção cultural e, ainda, de suas origens sociais. Por uma percepção estreita e imediata, muitos jovens historiadores – por mais

incrível que pareça – não têm interesse pelo passado, no sentido de que não é incomum identificarem os temas de pesquisa somente com aquilo que são capazes de localizar e perceber a partir de uma dimensão vivencial. Não é raro que o aluno que afirma ter interesse em música popular brasileira, na verdade dispõe de interesse, por só conhecer aquilo, somente na música popular de Copacabana, ou seja, nos artistas que circulam, e ocupam posições de centralidade, em certos meios de comunicação e padrões de consumo – o que poderia ocorrer também em relação a outros estilos e segmentos musicais. Uma aluna me procura para falar sobre a mulher negra na música popular brasileira, sugiro um trabalho sobre Elizeth Cardoso ou Leci Brandão, e ela recusa, dizendo que só quer estudar o tema se for sobre uma ou outra cantora que segue nas redes sociais. Um aluno me envia um e-mail afirmando ter interesse em estudar mídia e travestismo, sugiro que veja no youtube aparições do Patrício Bisso como a sexóloga Olga Del Volga e ele assiste, gosta, mas diz que apenas teria interesse se fosse estudar a Rita Von Hunty e o Eduardo Pereira – que, inclusive, acho muito bom, mas como objeto me parece de difícil abordagem ainda, pois os personagens “moventes” são também mais “voláteis”, o que se relaciona com a pergunta anterior sobre o tempo presente e o campo biográfico. Uso em aula um dos esquetes do Porta dos Fundos, chamado “Corte de gastos”, no qual dois atores, Luis Lobianco e Rafael Infante, discutem cortes em uma produtora de vídeos e, conforme concordam em demitir esse ou aquele profissional, que o espectador mal sabe que existe e o que faz, a cena é impactada em sua qualidade pela supressão do apoio que o trabalho oferece ao resultado imagético. É uma maneira didática de chamar a atenção de meus alunos para duas coisas: a primeira de que existem complexidades que não são fáceis de serem percebidas – e inclusive a sua eficiência é passarem despercebidas – e que o campo cultural tem uma amplitude que envolve um vasto leque de profissionais, e, em tese, muitos destes poderiam ser objeto de interesse para pesquisas futuras. Em geral, quando um aluno me procura interessado em estudar um tema ou um personagem, que entendo estar “saturado”, tento mostrar-lhe duas coisas – em primeiro lugar, a quantidade de trabalhos que o personagem já despertou, a acessibilidade de fontes sobre ele e a rede de relações e contextos nos quais ele se insere; em segundo, opções que poderiam se desdobrar a partir disso, como parceiros ou contemporâneos, que permitiriam abordagens factíveis e originais. Dessa maneira, tento chamar a atenção do estudante não somente para a árvore, mas, também, para a floresta na qual ela se encontra e viabiliza, eventualmente, a ampliação dos horizontes e dos interesses.

**Daniel Saraiva e Ana Carolina Machado** – Por fim, gostaríamos que o senhor comentasse

quais são, a seu ver, os desafios da temática para os próximos anos e de que forma poderíamos pensar uma forma de aglutinar esses estudos biográficos espalhados pelos Programas de Pós-Graduação pelo Brasil.

**Wilton Carlos Lima da Silva** – Dizem que, em Roma, é necessário se comportar como os romanos. Não sei se isso é totalmente viável porque só existem romanos para quem não é da cidade, pois imagino que, entre os habitantes da capital da Itália, há diversas identidades e costumes, que fazem com que, entre si, não se reconheçam plenamente como iguais. Mas, intelectualmente, acho que uma boa escolha é buscar se inspirar naqueles que, em sua área ou nas áreas vizinhas, realizaram aquilo que se almeja com relativo brilho ou sucesso, pois se, ao observar a narrativa de um bom escritor, não vou me tornar tão bom quanto ele, pelo menos posso melhorar a minha escrita. Assim, buscar seguir os exemplos do historiador italiano Arsenio Frugoni, que escreveu *Arnaldo da Brescia nelle fonti del secolo XII* (1954), sobre um religioso e reformador medieval e que, em cada um dos dez capítulos, apresenta um perfil distinto do personagem, do antropólogo norte-americano Richard Price, de *Alabi's World* (1990), no qual busca apresentar a diversidade e as tensões no Suriname no século XVIII, por meio de uma análise dos registros deixados por administradores coloniais holandeses e missionários alemães da Morávia, completando-a com a história oral dos Saramacanos, e utilizando-se de quatro tipos diferentes de caracteres (para deixar claro ao leitor sobre qual perspectiva é apresentada no parágrafo - oficial, missionária, aramaka ou do autor), do crítico literário inglês Stephen Greenblatt, autor de *Como Shakespeare se tornou Shakespeare* (2011), que explora diversos campos de possibilidades e múltiplas relações no espaço social e cultural do escritor e sua obra, ou, ainda, os ensaios do historiador mexicano Mauricio Tenorio Trillo em *Culturas y memoria: manual para ser historiador – una invitación teórica y práctica para reescribir el pasado y reinventar el presente* (2012), provocativos, densos e criativos em defesa do uso da imaginação pelo historiador, a partir de um diálogo com as artes, as vivências e as ciências humanas. Tais obras, entre outras, podem assumir um papel didático e libertador frente aos limites criativos da produção futura no espaço biográfico e, dessa maneira, identificar os trânsitos conceituais e metodológicos mais como ganhos do que como ameaças. E, em termos de abordagens, que as clivagens de gênero, sexualidade, raça, classe, corporalidade, entre outras, ampliem-se e enriqueçam para além do que já se faz, incorporando personagens antes invisíveis e recortes inovadores, que a escrita autobiográfica ganhe maior visibilidade e novas explorações como fonte ou objeto historiográfico, que

surjam trabalhos teóricos sobre os desafios e as possibilidades de fotobiografias e estudos sobre estas, que a biografia das coisas e o debate sobre memória e os objetos evocativos frutifiquem-se, entre outros desejos que trago comigo. Quanto ao processo de aglutinação de pesquisadores, parece-me que estamos lutando o bom combate, pois o número de eventos cresce e a qualidade dos trabalhos também, formando um ambiente propício para discussões e trocas de experiência – uma entrevista como essa é um sintoma – assim como as publicações. O nosso maior desafio, ainda, é criar espaços institucionais que comportem a enorme diversidade das abordagens, enfoques e recortes do espaço biográfico e torná-los tão ou mais acolhedores e instrumentais do que os oferecidos por outros mais generalistas. Não estamos como gostaríamos, mas estamos muito melhor do que já estivemos, e as perspectivas são muito mais animadoras do que ao contrário. Mais uma vez, obrigado pelo convite!

**Daniel Saraiva e Ana Carolina Machado – Muito Obrigado!**

## Referências

ARAÚJO, Paulo César. *Roberto Carlos em detalhes*. São Paulo: Editora Planeta, 2006.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (org.). *Grafia da vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica*. São Paulo: Letra e Voz, 2012.

AVELAR, Alexandre de Sá. SCHMIDT, Benito Bisso. *O que pode a biografia*. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

AZEVEDO, Elciene. *Orfeu de carapinha: a trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo*. Campinas: Editora da Unicamp/Centro de pesquisa em História Social da Cultura, 1999.

AZEVEDO, Francisca Lúcia Nogueira de. *Carlota Joaquina na Corte do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2003.

CASTRO, Ruy. *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

COELHO, Edmundo Campos. *A sinecura acadêmica: a ética universitária em questão*. São Paulo: Vértice; Rio de Janeiro: IUPERJ, 1988.

DAVIS, Natalie Zemon. *O retorno de Martin Guerre*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

DOSSE, François. *Paul Ricoeur: um filósofo em seu século*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2017

FERREIRA, Jorge. *João Goulart: uma biografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FERREIRA, Jorge; CARLONI, Karla. G. (org.). *A República no Brasil: trajetórias de vida na ditadura e na democracia*. Niterói: EDUFF, 2019.

FERREIRA, Letícia Carvalho de Mesquita. *Dos autos da cova rasa: a identificação de corpos não-identificados no Instituto Médico-Legal do Rio de Janeiro, 1942-1960*. Rio de Janeiro: E-papers: Laced/Museu Nacional, 2009.

FRUGONI, Arsenio. *Arnaldo da Brescia nelle fonti del secolo XII*. Roma: Einaudi, 1954.

GREENBLATT, Stephen. *Como Shakespeare se tornou Shakespeare*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GREEN, James N. *Revolucionário e gay: a vida extraordinária de Herbert Daniel - pioneiro na luta pela democracia, diversidade e inclusão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

GODOY, Laura; MENDES, Valéria; BORGES, Christiano; SANTOS, Fabrício. *Não reclamados: vidas esquecidas no Instituto Médico Legal*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2003.

HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HUXLEY, A. *Admirável mundo novo*. São Paulo: Victor Civita, 1982.

JABLONKA, Ivan. *Histoire des grands-parents que je n'ai pas eus*. Paris: Éditions du Seuil, La librairie du XXI<sup>e</sup> siècle, 2012.

JABLONKA, Ivan. *Laëtitia ou la Fin des hommes*. Paris: Éditions du Seuil, La Librairie du XXI<sup>e</sup> siècle, 2016.

MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes. *Marcello Caetano, uma biografia (1906-1980)*. Lisboa: Objectiva, 2016.

MORAIS, Fernando. *O Mago*. São Paulo: Editora Planeta, 2008.

MORAIS, Pedro de. *Lampião, O Mata Sete*. J. Aracaju: Andrade, 2011.

RICCI, Magda Maria de Oliveira. *Assombrações de um Padre Regente Diogo Antônio Feijó: 1784-1843*. Campinas, SP: UNICAMP, 2001.

SILVA, Eduarda. *Dom Obá II D'África, o príncipe do povo: Vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SILVA, Wilton C. L. *A construção biográfica de Clóvis Beviláqua: memórias de admiração e de estigmas*. São Paulo: Alameda, 2016.

**Outros Tempos**, vol. 22, n. 39, 2025, p. 338-360. ISSN: 1808-8031

SOUZA, Adriana Barreto de. *Duque de Caxias: o homem por trás do monumento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

TRILLO, Mauricio Tenorio. *Culturas y memoria: manual para ser historiador*. México: Tusquets Any: 2012.

TUCHMAN, Barbara Wertheim. *Os canhões de agosto*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1963.

TUCHMAN, Barbara Wertheim. *Stilwell and the American Experience in China*. New York: Macmillan, 1971.

TUCHMAN, Barbara Wertheim. *A prática da história*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

VAZ, Toninho. *Paulo Leminski: o bandido que sabia latim*. São Paulo: Record, 2001.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Lisboa: Edições 70, 1971.